

O HERALDO

Director, proprietario e administrador

JOSÉ MARIA DOS SANTOS ANTIGO

RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

Redacção, administração, composição e impressão

TYPOGRAPHIA BUROCRÁTICA

RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

"JORNAL DE ANNUNCOS"

A cartilha popular ou arte de leitura

O sr. Rodrigues Aragão, professor do lyceu nacional de Faro e da escola de habilitação para o magisterio da mesma cidade, nosso patricio e amigo, acaba de publicar o methodo de leitura com o titulo *cartilha popular*.

Parece-nos que esta obra vem determinar no ensino primario das escolas officiaes e particulares uma nova orientação. O antigo a, b, c, de solettração quer antiga quer moderna e bem assim o processo de syllabar, é posto completamente de parte pelo auctor. Ensina a ler pelo processo modernissimo da leitura directa de palavras. Com um criterio especial de boa pedagogia não toma a palavra casualmente como base, obrigando o alumno ao absurdo esforço de fixar, em uma só lição, palavras de diferente constituição. A palavra basica entra na lição com outras congeneres, de modo que conheça a primeira, o alumno vai por si até ao fim da lição. O agrupamento de palavras da mesma lição apresenta-se sempre, de sorte que a creança impelida n'este caminho plano e facil, avança com agrado sentindo augmentar-lhe a curiosidade, sentimento natural e vivo da sua vida infantil. O processo de graphar differentemente a syllaba tónica, figura-se-nos d'um grande alcance para o conseguimento da leitura e insinuação do sentimento harmonioso da linguagem fallada. Tem o methodo dois exercicios especiaes, um, de palavras formando phrases pelo qual o auctor obriga o alumno á leitura de exercicios faceis que podem ordinariamente ser convertidos em lições de cousas, de modo que o alumno, sem esforço vai adquirindo o habito da leitura, outro, de reconstituição de palavras por syllabas,

que leva a creança a corrigir gradualmente a pronuncia defeituosa, intima da sua inaptidão phonetica, e por este meio os seus órgãos vocalicos, postos em exercicio gradual e systematico, vão dia a dia adquirindo flexibilidade para produzir os vocabulos mais difficeis da lingua. As palavras que formam o material do methodo seguem uma disposição ordenada, gradual e sempre de valor educativo, começando por aquellas que naturalmente são o inicio na aquisição da linguagem fallada, observando n'essa contextura um encadeamento tal que o alumno não pode nunca decorar a palavra sem a conhecer prudente disposição que poupa ao professor, o cuidado d'evitar que o alumno, sem aprender, decore, quer o vocabulo, quer o logar que este occupa nas lições. Termina o methodo pelo ensino do alphabeto, e n'esta parte ainda o auctor innovou um bom criterio; fundando-se na historia, expungiu do nome da figura, todos os elementos espúrios e esdruxulos, juntando-lhe apenas os indispensaveis para a tornar «Audio—proferivel»—sem ridiculos injustificaveis. Sob o ponto de vista economico, resolveu o auctor vantajosamente o problema por quanto conseguiu pôr no mercado o seu methodo em condições modicissimas de preço.

Quando escrevi algumas considerações, despretenciosas e humildes, sim, mas ditadas pela mais entranhada convicção, a propósito d'um artigo do sr. Raul Proença, mal pensava eu que este sr. as havia de considerar como um insulto á sua pessoa. Se tal pensasse, aqui declaro muito solemnemente que não lançaria mão da penna para escrever. O insulto só serve para demonstrar a má educação ou a baixeza de sentimentos, de quem usa d'elle, e nunca constituiu argumento convincente para defender qualquer causa boa ou má.

JUSTIFICAÇÃO E REPLICA

Por isso eu, agora, como sempre, não me servi d'essa arma para atacar o sr. Proença. Não está nos meus habitos, na minha educação e nos meus sentimentos discutir com os pés, segundo a phrase espirituosa de Camillo. Eu affirmei, bem claramente, no meu artigo, que acreditava na sinceridade e boa fé d'aquelle, a quem dirigia as minhas considerações, e qualquer pode verificar se é verdade ou não, isto, que eu digo. Como porem o sr. Proença affirmasse que os atheus eram sempre sinceros, eu, muito naturalmente, puz isso em duvida, apresentando como motivos, conducentes á negação de Deus, as inspirações do orgulho, e impulso das paixões e a influencia da educação má.

Não sou eu o primeiro, que fala assim. Escriptores absolutamente insuspeitos expressaram-se do mesmo modo, especialmente pelo que diz respeito ao impulso das paixões. Rousseau, por exemplo dizia: «Conservae a vossa alma num estado de desejar que existe Deus e jamais duvidareis da sua existencia.»

Ainda não ha muito tempo que eu li num livro, de F. Tournébeze, intitulado *Da duvida á fé*, as seguintes palavras singularmente significativas e flagrantes de verdade: «O que é que faz o estravo das volupias para se distrahir e aturdir? Filho, por assim dizer, de força em face das provas da nossa fé, volta-se instinctivamente para as objecções e forceja por encontrar razões, que o dispensem de crer. Não é raro então que a Verdade, desconhecida, se vingue, velando-se pouco a pouco, de modo que a consciencia, ao principio inquieta, acabe por se tranquillisar um pouco e vegetar numa obscuridade que é quasi a noite. Assim, quando a vase sobe do fundo d'um tanque á superficie, a água perde a sua transparencia e já não reflecte o azul dos ceos. Os raios do sol, que a envolvem de todos os lados, são para ella como se não existissem. Libertada dos seus elementos impuros, torna-se ha uma toalha liquida, em que se reflectirão os astros do firmamento. Felizes os que tem um coração puro, porque elles verão a Deus.»

E' claro, porem, que eu já previamente tinha excluído o meu antagonista de todas as hyptheses, que apresentara para explicar a

existencia dos atheus, que o possessem magoar, fazendo, como fiz, profissão de fé na sua sinceridade.

Depois d'isto, vir elle accusarme de eu o ter insultado, de ter apresentado a sua resistencia em cumprir o 6.º e o 7.º mandamentos da Lei de Deus como motivo determinante do seu atheismo, só se explica pelo prurido de fazer espirito e pela vontade de tomar uma attitude aggressiva para comigo.

E que assim fosse? Se o sr. Raul Proença é determinista, que razão tem para vir falar em offensas? Não disse elle que nós não temos liberdade, vivemos sujeito ao jugo ferreo da fatalidade inexoravel, e, portanto, não somos responsaveis pelos nossos actos? Se, ao passarmos junto a um muro, cair d'elle uma pedra e nos ferir a cabeça, quem dirá que a pedra nos offendeu? Eis a razão por que o sr. Proença não pode queixar-se de receber offensas da minha pessoa, visto que, segundo elle, operei inconscientemente ao escrever as phrases, que o melindraram, tão inconscientemente como a pedra que, resvalando d'um muro, cae sobre a cabeça do transeunte. Nem do destino se pode queixar, porque o destino é cego, destituído tambem da minima responsabilidade.

Do mesmo modo, admitindo que eu o tivesse accusado de violar o 6.º e o 7.º mandamentos da Lei de Deus, (o que nego determinantemente), admitindo ainda que essa accusação fosse absolutamente justificada (hypothese, que eu rejeito por completo), que havia n'isto de desonroso para um par vidario da doutrina determinista? Se o homem não tem a responsabilidade do que faz, merece tanto respeito e consideração o cavalleiro d'industria, perito na arte de alliviar as algebeiras do proximo, como o homem honesto, que para salvar a sua honra, se deixa cair na miseria; estão na mesma plana os que passam uma vida pura e os que se revolvem no lodo da devassidão, os que se sacrificam pelo proximo e os que tingem as mãos no sangue dos seus semelhantes. Uns e outros operam assim, porque não podem operar d'outro modo, obedecem egualmente á fatalidade implacavel e, por isso, não sei qual a razão, porque a uns havemos de chamar bons e a outros máus.

Serão absurdas estas conclusões, mas ellas derivam logicamente da negação do livre arbitrio, ou então a logica não passa d'uma grandissima batata.

Diz o sr. Proença que, negando a existencia de Deus, fala em nome da Sciencia (com S maiusculo). Será, não o ponho em duvida, mas nesse caso, Limeu, Keplez, Galileu, Newton, Chevreul, Quatrefages, Pasteur, e tantos outros deviam ser d'uma profundissima ignorancia. Depois d'isto, procura ridicularisar o argumento, que eu apresentei, sem lhe dar grande desenvolvimento e precisão scientifica, no meu primeiro artigo, e que consiste em nos elevarmos da contemplação do Universo ao conhecimento d'um Ser eterno, omnipotente e infinitamente perfeito, que tudo fez apparecer ao influxo irresistivel da Sua vontade. Não se pode admitir um effeito sem causa, disse eu, e, portanto, o Universo deve ter uma causa. Pela mesma razão não posso admitir a existencia d'um relógio sem relógioiro. Já Voltaire affirmara o mesmo, servindo-se da mesma comparação:

«Pour ma part, plus j'y songe et moins je puis penser.

Que cette horloge marche, et n'oit point d'horloger.»

O sr. Proença intenta destruir este argumento, affirmando que o Universo d'hoje é effeito do Universo d'hontem, e assim por diante, indefinidamente, porque um facto é effeito e causa d'outro facto, mas quem não vê que isto nada explica e a questão fica no mesmo pé, perfeitamente insolúvel? Como é que nós podemos admitir um serie indefinida de causas segundas, sem a existencia d'uma Causa Primeira, principio de todas as outras? Eu é que sou inconsequente, segundo o meu antagonista, porque admitto um facto, Deus, sem ter uma causa, que o produzisse. Em primeiro logar a palavra facto, applicada a Deus, é impropria. Deus é um Ente, que em Si Mesmo contem a razão de ser da sua existencia, e, por isso o nome de Jehovah é que Lhe é mais applicavel, porque, segundo o conceito que formamos d'Elle, foi, é e ha-de ser. Dizer que, segundo a doutrina espiritualista, se admite um facto, Deus, sem uma causa productora, é o mesmo que dizer que Deus é um effeito, e é isso precisamente que nós negamos. Se fosse um effeito, não seria Deus, e havíamos de ir subindo de causa em causa até uma Causa Suprema, absolutamente independente, origem de todas as outras, e a Essa chamaríamos, então, com toda a prosperidade, Deus.

(Continua.)

S.

Provisão do tempo

Diz Sfeijoon, na sua notavel revista metereologica de Valencia:

Os nucleos de perturbação aerea do canal da Mancha e do centro da Peninsula, estarão, no domingo 8, no golfo de Leão e na Argelia, respectivamente. Produzirse-hão chuvas e neves na metade oriental, com ventos de entre N. O. e N. E. e abaxamento grande de temperatura.

Na segunda feira, 9, occuparão as baixas pressões a Africa septentrional e o S. O. da Peninsula. Haverá tempo nebuloso e algumas chuvas e neves na metade meridional, com ventos do 1.º ao 2.º quadrante.

Em N. O. da Peninsula registrar-se-hão tambem algumas chuvas pela influencia de outra depressão que chegará á Irlanda.

De 11 a 12 melhorará o estado atmospherico geral nas nossas regiões, sendo somente sensivel nas proximidades do Mediterraneo a acção do minimo que ficará n'esse mar da quarta-feira 11.

De 11 a 12 melhorará o estado atmospherico geral nas nossas regiões, sendo somente sensivel nas proximidades do Mediterraneo a acção do minimo que ficará n'esse mar na quarta feira 11.

De 13 a 14 passará pelas costas de Portugal e Galliza uma depressão que occasionará chuvas na nossa Peninsula, especialmente desde S. O. e N. O. ao Centro, com ventos do 2.º ao 3.º quadrante.

A citada depressão estará no S. O. da Irlanda no domingo 15, em cujo dia haverá tambem no Mediterraneo outro ceptro de baixas pressões. Haverá tempo variavel e algumas chuvas e neves em N. O., N. e N. E, com ventos de entre S. O. e N. O.

CARTA DE FARO

UMA DATA—REMEMORANDO O PASSADO— OS POLITICOS FUTURANDO—EM DEFESA DA MOCIDADE—UMA CARTA D'UMA SENHORA, NOVA, SOLTEIRA, D'OLHOS QUE DÃO TONTURAS...

Vem de longe a costumeira de se rememorar festivamente a data da sacudidella do jugo castelhano. E é sempre a Mocidade, a rosa mater da alegria vivaz, quem mais caloroso impulso imprime a esse festival.

A farense mocidade escolar tambem este anno a festejou. Os foguetes estralavam, uma phylarmonica soprava o hymno decantado, ruas percorrendo, sob um chuveiro copioso, impertinente, desalmado, e á noite n'esse caxotim que é o 1.º de Dezembro, récita atraente, com o concurso da actriz Georgina, por expresso contracto, vinha da capital do reino.

Comedias, uma d'ellas desafiando por completo a hilariedade, cançonetas, poesias de Moraes, Davim e Novaes e Sousa, recitadas por academicos, camarotes d'onde emergiam rostos lindos, platea desentranhando se em patrioticos vivas... eis tudo.

A mais, este anno—a variação é um delite e mais o é se a motiva um bondoso e alevantado intento!—a publicação dum numero unico—*Lusitania*—de selecta collaboration, producto da venda reverendo a favor da *Caixa philantropica da Academia Farense*—nota, mais esplendente, de toda a festa.

De selecta collaboration dissemos. Sem desdouro para nenhum dos laureados cooperantes, a poesia de Bernardo Passos, encantando pelo burilado inpeccavel e sobretudo... pela verdade que a veste, antes feixe de verdades que todos sentem enraizadas n'alma mas que poucos...

Diz o poeta:

Rememorar as glorias do Passado é dulcificar a Vida. E' certo! Mas como seria bom que o Presente e o Futuro fossem na estreia do Passado!

Oxalá! —Uma noite d'estas, ali na *Tabacaria Central*, dizia-nos um politico, um d'esses que ainda tem fé nas *hespanholadas* dos chefes, que melhores dias se descortinam... no horizonte politico.

Sem praça assente e portanto sem chefes, alheios ás artimanhas que borbulham nos bastidores da politica, essa deslavada Dona Auzenada, por mais que miremos—negregado monculo para que serves?—nada, absolutamente nada, descortinamos no horizonte.

Mas... elles lá sabem!

—E' bem certo o dictado popular:—não ha mal que sempre dure, nem bem que fim não tenha!

Tendo nós aqui estampado algumas cartas de varias damas, todas ellas manifestando se clara e desassombradamente pelo amor dos Velhos, ao mesmo passo que pisavam bem o seu desprezo pela Mocidade, de justiça é que aqui n'esta mesma arena, se mostre quem se manifesta com desassombro a favor dos Novos evidenciando o seu desprezo pelos Velhos.

De Olhão nos escreve D. Sophia***, jovem, linda e prendada dama, possuidora d'uns olhos que dão tonturas, solteira... apesar de ter muito quem a deseje para esposa.

Inuitamente nos consola que D. Sophia saia em defeza do amor dos Novos tão desdenhosamente

tratado nas anteriores cartas de outras damas. Conhecemos bem a bondade da sua alma, formosa como o seu rosto de leite e rosas, sabemos bem quão sincera é. Não, podiam os Novos desprezados, por mais que se esforçassem, encontrar coração de mulher que mais ardentemente, com mais doaire, os defendesse.

D. Sophia—se nós commettessemos a inconfidencia d'aqui gravamos o seu appellido—teria, desde domingo, após a lhitura do *Heraldo*, á sua porta, reverentes n'um coro fremente de bençãos, os pelotões do Amor, essa mocidade radiante que ella defende com d'no, orvalhando-a de rosas..., quando outras mulheres como ella, a envenenaram de desprezo e malquerença.

Demos a palavra á gentil D. Sphia***

(... Sr.)

Mulheres como eu, em cartas que misericordiosamente, sem duvida, v... tem enquadrado no *Heraldo*, manifestam o seu desdem, mais do que isso, o seu odio pelos novos que amam e a quem ellas chamam *creanças*. Essa leitura tem me causado assombro e magoa; assombro por ver brotar odio de corações de mulher; magoa, vendo esses corações arderem de desprezo quando só de amor deviam chamurejar. E são mulheres que assim fallam! Mulheres não; monstros sim! Desdenhar da Mocidade, a mocidade que é a Fé, que a é Esperança, que é a ambracia do calix da Vida... suprema irrisão!

O amor dos Velhos galgando por sobre o amor dos Novos! Nunca! Nunca! Então porque uma de nós tinha as suas esperanças num homem novo que nos dizia amar e um bello dia esse homem nos desfaz essa illusão, não mais nos olhando, não mais querendo saber que existimos, hemos de medir todos os outros pela mesma craveira, não mais acceitando a córte a nenhum homem novo, hemos de preferir a córte dos velhos, os velhos que são arvores sem fructo, corações sem calor, fontes de gotta, de rheumatico e de... aborrecimento?

Então porque um rapaz nos troca por outra mulher mais feia, mas mais rica hemos de nos ir lançar nos braços d'um velho que nos dê uma *lua de mel* de lagrimas de arrependimento e ciumento nos torne uma Ophelia vivendo sempre no *contento*... da nossa casa?

Os velhos tratam nos bem, cumprem o que promettem, são mais sinceros! dizem as outras escrevinhadoras damas, minhas collegas.

Devaneios! Devaneios! Pois não é tão consolador uma mulher ir a um baile, a uma visita, a uma festa, a um theatro, a um passeio, de braço dado com o seu marido, um rapaz novo, em pleno vigor da vida, capaz de ser o pae de seus filhos e de dar dois bofetões em qualquer malcreado que nos offenda ou moleste?

Pois pode lá comparar-se uma mulher atravessar a multidão com um marido novo, incansavel em nos divertir a uma outra que vae ao baile com seu esposo, um *velho* que logo ao primeiro *tour* de valsa se confessa cançado e que nunca pode passar aos olhos do mundo por fiel cumpridor dos deveres maritais?

Ah! Os novos são a vida e os velhos são a morte!

Mulheres como eu, que preferis um velho para marido, provareis que vos anima o desejo de não querdes perpetuar a vossa raça!

Mulheres como eu, que trocaís o amor dum velho gottoso por o amor dum novo que palpita é evidenciardes que quereis viver no gelo e na tristeza!

Trocar o amor dum novo pelo dum velho é... não sentir amor. V... sabe bem que sou nova, não sou pobre e sou requestada. Pois deixe-me dizer-lhe, se me forçassem a casar com um velho, teria v. de, no proprio dia desse falso consorcio, noticiar o meu suicidio.

Sou pelos novos e sempre por estes. Mulher nova casar com homem velho, o mesmo é que... o mel bezuntando a bocca do asno.

Mocidade, o meu coração pertence-te! Mocidade, só por ti o meu coração palpita.

Velhos... só para avós! Reconhecida me confesso a v... por esta massada que lhe preguei. Mas não pode conter-me sem vir dar o meu voto... aos Novos. Sempre affeição e grata lhe será quem é de v...

Olhão, 16-11-1907. Sophia...

LIVROS

O GLADIADOR

(ESBOÇO DE UM QUADRO)

Poemeto por Oscar de Pratt.

Estamos em Roma—n'essa Roma sensual e perversa dos tempos cezarianos—e sob o imperio de Nero, estranha personalidade em que o grandioso e o grotesco se alliam na textura de uma idiosyncracia profundamente morbida, fertil em aberrações, em crimes, em pússilanidades e em hediondos vícios.

A devassidão campeia infrene. Os vinhos mais capitosos estonteiam e perturbam os espiritos dos patricios daquelles tempos, tão affeitos e arriscarem a vida no ardor das batalhas como a coroar-se de rosas e myrtos, nos esplendurosos banquetes de Cezar—banquetes a que presidia a Volupia e em que, muitas veses, aos fumos da embriaguez seguiam os derradeiros sonhos...

E' a grande decadencia da civilisação romana, onde, como num poente magnifico, todas as coisas parecem adornadas de côres quentes, rutilantes, ricas em reflexos doirados e purpurinos e sob uma bruma languida, voluptuosa e acacia-dora...

Extrordinarios tempos! Em Roma pollula um povo que o Estado diverte sumptuosamente. No luminoso throno dos Cezares passa uma legião de principes extravagantes.

Destacam-se: Tiberio—cruel e avarento; Calizula, libertino e perverso; Claudio, poltrão, trivial e estúpido;—um idiota succedendo a um louco;—e Nero, o maravilhoso phantasista que, afim de ter scenario condigno para a recitação dos seus maus versos, manda incendiar a capital do seu imperio!

A sociedade romana, toda ella, está como que presa de uma vertigem.

São inumeros os deboches, interminaveis os festins, nas salas revestidas de marmore, lageadas de mosaicos, atravancadas de mesas repletas de ignarias cosinhadas para impressionar palladares embotados...

Escravas e dançarinas nuas, cantores e poetas, tomam parte nas constantes orgias; cançados, os convivas cedendo á embriaguez, dormitam sobre leitos de marfim, entre purpuras e lãs fininissimas. No ar sobem perfumes estonteados, perturbadores.

Um dos mais imponentes e caracteristicos espectaculos da Roma de então, era—sem duvida—o combate no circo.

Ahi, quer luctassem, umas com outras, feras trasidas das mais remotas paragens pelos conquistadores victoriosos, quer com os animaes feroses se batessem os homens, escravos e vencidos, quer a lucta se estabelecesse, simplesmente, entre athletas para tal fim adestrados, a estranha sensibilidade dos romanos comprasia-se singularmente na contemplação de taes luctas sanguinolentas, cujo epilogo era, quasi sempre, tão fatal ao vencido como ao vencedor.

O povo delirava, mas este seu delirio attingiu o maximo sob o imperio de Nero—o mais cruel perseguidor dos christãos e uma das mais requintadas organisações de malvado que jamais tem existido.

Deliciando-se ao ouvir o bramido das feras, o povo apreciava ainda mais, os derradeiros gritos dos vencidos, as cruciantes ancias da morte, os medonhos trances da lucta derradeira e desesperada e gosava—e applaudia muito!—ebrio de sangue, respirando sangue, ven-

do tudo através de um veu vermelho, horrivel.

—«Panem et circenses!»—eis o seu grito.

Eram frequentes as luctas entre gladiadores e, como entre nós, em corridas de cavallos, patricios ricos apostavam avultadas sommas pelos que, na solidez da sua musculatura, mais confiança inspirassem.

Gauleses, thracios, samnitas e mirmillos, todos vinham patentear sua destresa na arena do grande circo.

Foi um episodio desta epocha, uma lucta entre gladiadores, o thema escolhido pelo sr. Oscar de Pratt para assumpto do poemeto a que nos vimos referindo.

Assumpto palpitante, já pelo interesse proprio, já pelo meio grandioso em que se desenvolve, elle era de molde a tentar um artista e o sr. Pratt tratou-o lindamente, pondo vigorosos tons—como cabe a um esboceto de quadro—nos seus versos, alguns dos quaes synthetizam muito bem a historia e os costumes da epocha.

Tempos medonhos, aquellos! tempos todos de crapula e vicio, descreve-os bem o poeta, assim:

A' noite, nas orgias barchicas, fremente
O Palatino ria—e o riso era o exterminio—
Eram esplendurosos os banquetes.

Polychromos ferviam vinhos de Numba
em vasos de chrystal e ouro, alexandrios.
Nero bebia amor p'la bocca de Poppéa
no nectar sensual dos beijos libertinos...

Feita a descrição dos sumptuosos festins de Nero, o poeta levamos a assistir a um combate no circo.

E' entre esse grandioso scenario que se desenvolve toda a acção do poemeto.

O circo regorgita de gente. Estão cheias as tribunas, um grande vellarium de purpura flammeja sobre uma mais artisticamente ornamentada, onde, sobre plinths de marmore, em cacoilas erdem essencias preciosas. E' a tribuna imperial.

Uma atmospheria de fogo circula no ambiente. A areia scintilla e a vista, sob a influencia da mancha moveida e polychromada da grande turba que se agita e berra, estonteia se em deslumbamentos.

Rutilam os mantos de cores vivissimas das cortesãs, brilham em chispasçoes lusentissimas, os capacetes e as armas dos guerreiros.

A multidão ullula!

E riscam de manso o ar azul, ardente
brancas asas de pomba e risos de mulher,
perpassava no ar uma canção dolente
de beijos sensuaes. E Nero, o inconsciente
sorr ia de praser.

Subito cessa o ruido e abrem-se as portadas
onde surgem dois homens nus—corpos viris
soberbos de esculptura—as formas arrojadadas,
os musculos de bronze, turgidos e ousadas
as frentes juvenis.

Sim! Eis os combatentes! Eis dois dos protagonistas do poemeto.

Vão luctar; antes, porém, quedam-se junto da tribuna imperial, sob o olhar de Nero, que, através da sua esmeralda, as contempla no antegoso de os ver ambos despedaçados.

Era tambem assim que procediam todos os luctadores que, antes de iniciarem os seus combates, bradavam, tragicamente:

*Avè Cæsar imperator
Morituri te salutant!*

Soou o signal. Os dois contendores trazem rede e tridente. Luctam. Ha a contorsão forte das suas musculaturas de aço.—A população delira, enthusiasmada e pede, na effervescencia da sua loucura—o sangue do vencido.

Nero, talvez na ancia de encontrar alguma nova combinação de linhas, que falle á sua sensibilidade de artista, contempla-os com o seu olhar de myope, cynico e metalico.

Um dos luctadores cae por terra. O enthusiasmo popular redobra. De todos os lados do circo ouvem-se acclamações:

Mas chegou o momento. O povo em massa erguido,
ruge, estremece, applaude em furia cannibal...
Calcaria o vencedor o peito do vencido
e em pé, soberbo, espera,—o gladio soerguido—
o gesto imperial.

A vida do misero vencido dependia agora, apenas de um gesto do Cezar.

(Continua.) Lyster Franco.

Que fé palpita em nós? Nenhuma, eis a verdade....
Nesta festa quem vê a patria escrava, quem?
A festa!... Que mentira, ó doida Mocidade!
E que cruel mentira o nosso amor, tambem!

Olho á roda de mim, e o que vejo? Sorrisos...
E, olhando a Patria, eu vejo apenas lucto e dor!
Pois pode a nossa alma abrigar paraizos,
Quando a Patria opprimida implora o nosso amor?

Nós fallamos, banaes, na patria redimida,
E ei-la ahi, coitada! arrastando grilhões...
Ha d'estas irrisões hediondas na vida!
Ha mentiras assim nos nossos corações!

Patria!... Fosse este nome em nós uma oração
Que a noss'alma rezasse ajoelhada em respeito,
E em verdade, hoje, aqui, o nosso coração
Era o da propria patria a pulsar-nos no peito!

Patria!... Fosse este nome aurorial um brado
Que a nossa fé soltasse, e ecoasse dentro em nós,
E em verdade esta festa era a voz do Passado
Ao Futuro a fallar na nossa propria voz!

Mas não!... Esta palavra em nós é mentirosa,
Pois pômo-la na bocca artificiosamente,
Como pômos, a rir, na lapella uma rosa,
—Por ser isso o *bom tom*; por dandismo somente...

E quaes os de Bizancio em futeis discussões,
Emquanto a onda turca envolvia a cidade,
Nós em festas, e a rir, não vemos os clarões
D'esse incendio d'horror que já a Patria invade!

Aos males do Presente encolhemos os hombros,
Deixando assim morrer a Patria ingloriamente,
E ante o Passado morto inventamos assombros,
—Para Passado, heroes; poltrões para o presente!

Fomos grandes, bem sei, nesses tempos guerreiros
Em que a amar e a luctar demos luz á historia
Soldados sem temôr, heroicos marinheiros,
Fizemos d'esta terra uma terra de gloria...

Aljubarrota, Diu... e quantos outros soes?
A India divulgada, o Brazil descoberto...
Sabios, soubemos ter a audacia dos heroes!
Heroes, soubemos ser no mundo um livro aberto!

Mas hoje, raça inerte, abatida e descrente,
Convencional na dôr, futil na alegria,
O nosso ideal... é viver commodamente,
E digerir em paz o pão de cada dia!

Povo cujo valor, outr'ora sobranceiro,
A ecoar no mundo, o proprio mundo alonga,
Cospe nos hoje a face, impune o Estrangeiro!
Vêde! *Charles et George, Ultimatum, Kionga*...

Bonzos e mandarins d'esta Patria infeliz,
Que ôcamente chamaes ahi *Restauração*,
Eu ergo-me ante vós para gritar: *Mentis!*
E olhae! a minha boca accende-a um clarão...

Bonzos e mandarins em cujo olhar assoma
A perfidia subtil que a Patria envenenou,
Vossas palavras são os pomos de Sedoma,
Por fóra, rosa e oiro, e dentro, amargo pó

Direis ao povo:—Ri!—e eu digo ao povo:—Lucta!
E digo ao povo mais:—Dá um activo exemplo:
Varre do teu paiz quem te perde e enlucta,
Como Christo varreu os vendilhões do Templo!

Mas ai de Portugal! Quando tu, Mocidade,
Só cantas e sorris n'est'hora d'afflicção,
E' porque vae morrer a Patria na Verdade,
E já não pulsa em ti um nobre coração!

Teus olhos só de gozo e de riso se enfloram,
São lirios tuas mãos num manso baloiçar!
Ai, neste amargo dia, os teus olhos não choram,
E não ergues as mãos crispadas para o ar!

Meu pobre Portugal a agonisar na cruz,
Teus filhos, a folgar, não veem essa dôr?
Cuspido pelo mundo, os olhos já sem luz,
Tu morres a chorar, chorando o nosso amôr!

Circunda-te a cabeça uma c'roa d'espinhos
Que te ensanguenta a fronte exhausta de collôso...
Tecêram-te essa c'roa os nossos vãos carinhos,
E cada espinho em sangue é um sorriso nosso!

E assim como na cruz do bom Jesus ideal
Se leu:—REI DOS JUDEUS,—a sangrenta irrisão,
Tambem na tua cruz, meu pobre Portugal,
Leio hoje esta ironia atroz:—RESTAURAÇÃO...

S. Braz d'Alportel.

VENDE-SE

Uma arte de *chavega*, duas canoas e um calão. Trata-se com José Augusto da Conceição Mattos, Tavira. 167

VENDE-SE

Vende-se uma arenha para transporte de duas pessoas. Trata-se com José Antonio Leal, em Santo Estevão, Tavira. 168

ADALBERTO VEIGA

O INGLEZ TAL QUAL SE FALLA

Novíssima guia de conversação com a pronuncia figurada. Preço, 300 rs. Livraria Classica Editora, Praça dos Restauradores, 20, LISBOA.

HENRIQUE BORGES

CIRURGIÃO DENTISTA

pela Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes. Dentes artificiaes.

Consultas gratis aos pobres ás 9 a manhã.

Rua 1.º de Dezembro, 20

42 FARO

VENDE-SE

Uma morada de casas altas, com diversos compartimentos, quintal, poço e varanda, situada na rua do Mau Foro, d'esta cidade.

Quem pretender, dirija-se ao procurador Parreira Faria. 172

MODESTO & FIGUEIREDO

Grande deposito de adubos chimicos

Avenida Hintze Ribeiro, n.º 2—FARO

Fornecem-se adubos chimicos, simples ou preparados para todos os terrenos e em harmonia com a amostras de terra.

Direcção do agronomo Alexandre de Figueiredo e Mello.

Descontos aos revendedores. (108)

O DIJESTIVO ROIVIN

Cuja efficacia é universalmente reconhecida, pode considerar-se, hoje, como o remedio soberano por excellencia nas enfermidades chronicas e agudas do ESTOMAGO e do INTESTINO. Uma caixinha com 30 obreias que levam gravado o nome DIGESTIF ROIVIN representa um tratamento completo, sendo superior a qualquer outro remedio e dando melhores resultados que uma duzia de garrafas de agua mineral adequada á doença que se quer combater. De venda nas principaes pharmacias — Deposito e venda por atacado: DIGESTIF ROIVIN: 7, Rue du Marché Saint-Honoré. PA RIZ.

PAPELARIA

Pacotes com 4 folhas e 4 envelopes, 20 réis.

Pacotes com 5 folhas e 5 envelopes, papel superior qualidade, 30 réis.

Pacotes com 20 cadernos, 100 folhas, 100 réis.

Pacotes com 20 cadernos, 100 folhas, papel superior qualidade, 300 réis.

Papel almasso, pautado e liso em diversos formatos e qualidade.

JOSÉ MARIA DOS SANTOS
TAVIRA

OFFICINA DE CANTEIRO

DE

Manuel Luiz Redondo

RUA DAS SALGADEIRAS, 40

AO CALHARIZ—LISBOA

EXECUTA-SE toda a variedade de modelos especiaes de jazigos, assim como todos os trabalhos em pedra respeitantes á arte.

Pedir desenhos ao representante em Tavira.

SERGIO AUGUSTO DE CAMPOS

Rua de Mau Fóro (163)

JULIO DINIZ:
AS PUPILAS DO SENHOR REITOR
GRANDE EDIÇÃO DE LUXO
Mostra-se e assigna-se no estabelecimento de JOSÉ MARIA DOS SANTOS—TAVIRA.

Officina de canteiro e esculptura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO
(5872) **FARO**

GRANDE LOTERIA DO NATAL

Extracção a 21 de Dezembro de 1907

Consta de seis mil oitocentos bilhetes e distribue a importantissima somma em premios de trezentos e oitenta contos de réis!

O cambista TESTA satisfaz na volta do correio todos os pedidos para esta Grande Loteria quando estes venham acompanhados da respectiva importancia em: sellos ou vales do correio, letras ou ordens s/Lisboa ou qualquer praça do paiz ou ainda do estrangeiro.

Todos os premios vendidos no cambista TESTA são pagos á vista sem desconto algum.

Como abaixo se vê, no plano apresentado este anno ha uma innovação apreciavel. Todas as dezenas, isto é, todos os dez numeros seguidos tem um premio certo, garantido, que é a terminação da sorte grande.

PLANO

1 premio de.....	200:000\$000
1 » ».....	40:000\$000
1 » ».....	10:000\$000
2 » ».....	2:000\$000
2 » ».....	1:000\$000
10 » ».....	400\$000
20 » ».....	300\$000
288 » ».....	160\$000
2 aproximações ao premio maior a..	1:000\$000
2 ditas ao segundo premio a.....	450\$000
2 ditas ao terceiro premio a.....	318\$000
679 premios a todos os numeros que terminarem na mesma unidade do premio maior a..	96\$000

1:010

PREÇOS

Bilhetes, 80\$0000 réis; meios bilhetes, 40\$000; quartos, 20\$000; ecimos, 8\$000; vigessimos, 4\$000; fracções de 2\$600, 2\$100, 1\$600, 1\$100, 550, 330, 220, 110 e 60.

Dezenas: dez numeros seguidos de 5\$400, 3\$300, 2\$200, 1\$100 e 600 réis.

Para a provincia e ultramar accresce a despeza do correio.

Dirigir todos os pedidos ao

CAMBISTA—JOSÉ RODRIGUES TESTA

74, R. do Arsenal, 78

136, R. dos Capellistas, 140

LISB A 125



FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20
TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas.

PREÇOS BARATISSIMOS (3)

ALMANACH

DEMOCRATICO

PARA 1908

A 120 RÉIS

VENDE

JOSÉ MARIA DOS SANTOS
TAVIRA

Acaba de publicar-se:

DESENHOS E ANECDOTAS

DE

JOÃO DE DEUS

POR

M. TEIXEIRA GOMES

O producto da venda d'este folheto reverte em favor do cofre das Escolas Moveis. Preço: 150 réis.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

IGNEZ D'HORTA

Obra inedita em verso, prefaciada pelo visconde de Sanches de Fria

Livraria Viuva Tavares Cardoso, Largo de Camões, 6—Lisboa.

Livro muitissimo util

O distincto contabilista e professor de commercio sr. Magalhães Peixoto acaba de dar á luz da publicidade mais um livro a que deu o titulo—*Exercicios Praticos de Escripção Commercial*—Incluindo a exemplificação desenvolvida sobre a maneira de contabilisar as diversas constituições de capital em firmas individuais e collectivas.

E' este o 8.º trabalho do sr. Peixoto, pois tambem está concluido a 2.ª edição do 1.º volume das—*Lições Praticas de Calculo Commercial*.

Os livros d'este conceituado professor e publicista estão quasi todos esgotados.

A nova obra—*Exercicios Praticos de Escripção Commercial*—está delineada de fórma a ser utilissima tanto a principiantes, como aos guarda-livros.

Um elegante volume em formato grande, nitidamente impresso em papel de 1.ª qualidade 700 réis. A' venda em todas as tivrarías.

Com 3 hervas do Monte Ruwenzori (Uganda-Africa equatorial) obtem-se rapidamente a cura maravilhosa e segura de **qualquer** doença recente ou chronica, seja de que genero fór. Ninguém soffre desenganos tomando estas hervas. Preço 2\$000 réis. Envia-se franco de porte e registado. Unicos Concessionarios! Snrs! Pennellypes C.º—Millan (Italia).

COROAS

Coroas finebres em todos os tamanhos desde 1\$500 até 15\$000 réis.

JOSÉ MARIA DOS SANTOS
TAVIRA

162 VENDIDOS EM 1906

PÁRA-RAIOS

Flammarion, de ferro oco galvanizado ponta simples de platina iridium, cabos e chapas de descarga de cobre puro, SEM MAIS DESPEZA, posto no seu logar	Franklin, ferro oco galvanizado, ponta multipla de platina-iridium, cabos e chapas de cobre de descarga, todo cobre puro, O MELHOR QUE SE FAZ, posto no seu logar, SEM MAIS DESPEZA	Modelo da Comissão Municipal de Paris, de ferro oco galvanizado, ponta aPouilletto cabo de ferro, ligações e chapas de descarga de cobre puro, posto no seu logar SEM MAIS DESPEZA
---	---	--

45\$000 réis 50\$000 réis 30\$000 réis

Montagens de telephones, campaihuas electricas e pára-raios **absolutamente garantidos.**

G. MIRAMON & C.ª

PRAÇA D. PEDRO, 46, 47, 48—LISBOA

asa fundada em 1845

Muito cuidado com as imitações de casas pouco sérias 86

OBRAS DE ASSIGNATURA

A CHAVE DA SCIENCIA

Ou a explicação dos principaes phenomenos da natureza
POR BREWER E MOIGNO

EM FASCICULOS A 100 RÉIS

AS OBRAS

DE

CAMILLO C. BRANCO

COLLECCÃO COMPLETA

Em volumes brochados ou encadernados em porcalina

Assigna-se no estabelecimento de José Maria dos Santos